Lição 7 — O Princípio Vegetativo. Como a Alma Causa o Corpo

TEXTO 415a23–415b28 - LIVRO II, CAPÍTULO IV, CONTINUAÇÃO

> *Devemos primeiro falar sobre nutrição e geração. Pois a alma vegetativa está presente nos outros seres, e é primária, e é a potência mais geral da alma pela qual a vida está presente em qualquer coisa: suas operações sendo a reprodução e o uso do nutrimento. §§ 309-10*
>
> *Pois a mais natural das operações de tais seres vivos que são maduros, e não defeituosos nem gerados espontaneamente, é produzir outros semelhantes a si mesmos: um animal, um animal, e uma planta, uma planta. Nessa medida, eles participam, tanto quanto são capazes, do imperecível e do divino. Pois todas as coisas buscam isso, fazendo tudo o que fazem por natureza por causa disso. Ora, 'aquilo por causa do qual' algo acontece é duplo: um, o fim 'para o qual', o outro, o fim 'no qual'. Visto que não podem compartilhar por um ser contínuo o divino e o eterno (pois nada corruptível permanece para sempre numericamente um e o mesmo), cada um compartilha disso tanto quanto é capaz, um, no entanto, mais, e outro menos. E assim perdura, não o mesmo, mas como se fosse o mesmo; um, de fato, mas em espécie, não numericamente. §§311-17*
>
> *A alma é a causa e o princípio do corpo vivo. Ora, estas palavras podem ser usadas de muitas maneiras. A alma, no entanto, é uma causa em três sentidos estabelecidos: pois ela é aquilo de onde vem o movimento; aquilo 'por causa do qual'; e como a essência dos corpos vivos. § 318*
>
> *Que ela é como a essência é evidente. Pois em todas as coisas, a essência é a causa da existência. Nas coisas que vivem, viver é ser; e a causa e princípio disso é a alma. § 319*
>
> *Além disso: daquilo que está em potência, o ato é a ideia [imanente]. § 320*

> *É manifesto que a alma é também uma causa 'por causa do qual'. Pois a Natureza opera para um propósito, da mesma forma que a mente; e este é o seu fim. Tal é a alma nos seres vivos segundo a Natureza. Pois todos os corpos naturais são instrumentos da alma: sejam de animais ou de plantas, eles existem como que por causa da alma. 'Por causa de' é uma expressão usada de dois modos: como 'aquilo para o qual' e 'aquilo no qual'. §§ 321-2*
>
> *Mas também a alma é o princípio de onde vem o movimento local. No entanto, esta potência não está presente em todos os seres vivos. A mudança e o crescimento são, contudo, devidos a uma alma, enquanto a sensação parece ser uma espécie de alteração, e nada sente a menos que tenha uma alma. O mesmo vale para o crescimento e a decadência; pois nada sofre crescimento ou decadência fisicamente, a menos que seja nutrido; e nada é nutrido que não participe da vida. § 323*

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO SETE

§ 309. Tendo distinguido as capacidades da 'alma' umas das outras, e explicado como e em que ordem pretende discuti-las, o Filósofo agora as trata na ordem indicada. Isso ele faz em duas etapas. Primeiro, examina uma por uma as divisões nas quais analisou a alma, chegando a certas conclusões sobre todas elas. Depois disso, no penúltimo capítulo deste livro, onde diz: 'Todos os seres vivos possuem a alma vegetativa', ele explica a inter-relação dessas 'partes' da alma.

A primeira seção divide-se em quatro tratados:

(1) Sobre o princípio vegetativo.

(2) Começando em 'Resolvidas estas questões' [II, 10: §350] sobre o princípio sensitivo.

(3) Em 'Quanto à parte da alma pela qual ela conhece' [III, 7: §671], sobre o intelecto.

(4) Em 'Devemos agora considerar' [III, 14: §795], sobre o princípio do movimento local.

Ao princípio apetitivo não é atribuído nenhum tratado especial, porque ele não constitui por si mesmo nenhum grau especial de ser animado. É tratado, junto com o movimento, no Livro III.

O tratado (1) divide-se em duas partes: a primeira parte contém certos preliminares ao estudo do princípio vegetativo; a segunda, começando em 'Visto que o vegetativo e o generativo' [II, 9: §333], contém as conclusões de Aristóteles sobre esta matéria. A primeira seção, por sua vez, divide-se em (a) uma declaração de seu objetivo e (b) em 'Pois o mais natural' [§311] uma exposição de certas coisas que o entendimento do princípio vegetativo pressupõe.

§ 310. (a) Em primeiro lugar, então, ele observa que se, como vimos no último capítulo, objetos e atos têm de ser definidos antes das potências, e a potência fundamental antes daquelas que dela decorrem, devemos, em consequência, começar discutindo a nutrição, o objeto com o qual o princípio vegetativo lida, e a geração, que é a atividade deste princípio. Ora, este princípio deve ser discutido primeiro; porque, sempre que coexiste num mesmo sujeito com as outras partes da 'alma', é como que seu fundamento; pois através de suas atividades, a realidade física, subjacente tanto à sensibilidade quanto à inteligência, é mantida. Além disso, esta parte da 'alma' é comum a todos os seres vivos, e, embora possa existir separada das outras, elas não podem existir sem ela; e é sempre melhor começar pelo dado mais geral. Suas atividades, então, sendo a reprodução e a nutrição, é com elas que começamos.

§ 311. (b) Em seguida, quando ele diz 'Pois o mais natural', ele resolve algumas questões preliminares; e isso em duas etapas. Primeiro, mostra que gerar a própria espécie é um ato do princípio vegetativo. Isso ele ainda não havia mostrado, tendo falado até agora apenas de crescimento e decadência neste contexto. Em segundo lugar, em 'A alma é causa', ele prova que uma alma é o princípio de todas as atividades vegetativas (pois, de fato, essas atividades poderiam ter parecido provir da mera natureza, e não de um princípio vital, já que é da sua essência que façam uso das qualidades físicas e corpóreas ativas e passivas; e ainda mais, porque a vida nas plantas é difícil de discernir e latente).

§ 312. O primeiro ponto é provado assim. Todas as atividades consideradas naturais a todos os seres vivos brotam, como vimos, do princípio vegetativo como condição fundamental para que haja qualquer vida; e sendo a reprodução uma dessas atividades, ela deve brotar do princípio vegetativo. De fato, ele relaciona a reprodução a este princípio porque é, como diz, a atividade mais natural a todos os seres vivos; e isso porque, de certa forma, o processo de geração é comum a todos os seres, mesmo às coisas inanimadas. Claro que estas últimas são geradas de modo diferente; ainda assim, são geradas. Mas com elas, o princípio gerador é algo bastante exterior à coisa que vem a ser, enquanto os seres animados procedem de um princípio interior, na medida em que brotam da semente com sua potencialidade para nova vida.

§ 313. Há, no entanto, três exceções à regra geral de que os seres vivos reproduzem sua espécie. Primeiro, os imaturos; pois crianças não geram. Segundo, aqueles defeituosos em algum requisito essencial, como os impotentes e os eunucos. Terceiro, o caso da geração espontânea a partir de matéria em putrefação. Neste último caso, a vida resultante é de um tipo tão inferior que o ambiente geral é suficiente para causá-la, ou seja, a influência dos corpos celestes e as condições materiais adequadas. Mas estas causas sozinhas não são suficientes para gerar os animais superiores: isso requer também a atividade de causas particulares da mesma espécie que os animais gerados.

§ 314. Daí ele diz que qualquer ser vivo pode reproduzir sua espécie desde que seja 'maduro' (excluindo crianças) e não 'defeituoso' (excluindo eunucos e similares) e que o efeito gerado não seja 'gerado espontaneamente' (excluindo coisas produzidas por putrefação, que se diz surgirem 'espontaneamente' porque brotam sem semente, o que é algo como a maneira como as coisas são feitas, como dizemos, espontaneamente, ou seja, não sob compulsão exterior). E o que ele quer dizer com seres vivos produzirem seu semelhante é que animais produzem animais e plantas produzem plantas; e mais precisamente, que cada espécie produz seu semelhante, homens

produzindo homens e oliveiras, oliveiras. E a razão pela qual os seres vivos produzem seu semelhante é para que possam participar continuamente, tanto quanto podem, do que é divino e imortal, ou seja, para que se tornem o mais semelhantes possível ao divino.

§ 315. Pois, assim como há graus de perfeição num mesmo ser, na medida em que se desenvolve da potência ao ato, assim também há seres mais e menos perfeitos; e, portanto, quanto mais perfeita uma coisa é em si mesma, mais ela se assemelha aos seres mais perfeitos. Da mesma forma, assim como, enquanto uma coisa está passando da potência à atualidade, e enquanto ainda está em potência, ela tem uma relação natural e inclinação para a atualidade, e quando atinge uma atualidade incompleta ainda deseja uma atualidade mais completa, assim, do mesmo modo, tudo numa forma inferior de existência está inclinado à máxima assimilação possível à forma superior. Daí Aristóteles acrescenta que 'todas as coisas buscam isto', ou seja, uma assimilação ao que é divino e imperecível, e isto é aquilo 'para cujo fim elas fazem tudo o que fazem por natureza'.

§ 316. Ora, 'aquilo para cujo fim' algo é feito pode significar duas coisas: (a) o fim visado diretamente por uma atividade, como a saúde é o fim direto da medicina; e (b) como o fim visado indiretamente; e isto, por sua vez, pode ser tomado de duas maneiras. Pois poderíamos tomar o 'fim' para incluir também aquele sujeito no qual o objetivo direto da atividade se realiza, e nesse sentido o fim da medicina seria não apenas a saúde, mas um corpo saudável. Alternativamente, poderíamos significar por 'fim' não apenas o que é principalmente intencionado, mas também os meios a serem empregados; poderíamos dizer, por exemplo, que o fim da medicina era manter o corpo aquecido, porque o calor preserva aquela harmonia de elementos no corpo que é a saúde. Então, quando se diz aqui que a perpetuidade do ser é a razão da atividade em questão, estamos nos referindo quer a alguma natureza imperecível que as coisas materiais se esforçam, ao reproduzir sua espécie, por imitar, quer ao próprio processo reprodutivo, que é o meio para este fim.

§ 317. Como as formas inferiores de vida são incapazes de participar do ser divino e perpétuo por meio da continuidade de sua identidade individual — visto que é absoluta e intrinsecamente necessário (não uma mera necessidade imposta externamente) que todas as coisas corruptíveis pereçam individualmente, por serem intrinsecamente materiais —, conclui-se que elas só podem participar desse ser na medida em que sua natureza permite: as naturezas mais duradouras, mais; as menos duradouras, menos; mas todas participam continuamente por meio da reprodução, permanecendo cada uma una e a mesma, não literalmente, mas "como se fossem as mesmas", no sentido de que uma mesma espécie permanece. Por isso, ele acrescenta que não permanece algo numericamente uno, i.e., no sentido estrito dos termos, mas apenas especificamente; e isso porque cada indivíduo reproduz seu semelhante segundo a espécie.

§ 318. Em seguida, em "A alma é a causa", ele mostra a conexão entre as atividades atribuídas ao princípio vegetativo e a alma. E faz duas coisas aqui: primeiro, estabelece uma verdade; segundo, em "Empédocles", aponta um erro. A prova da verdade, novamente, tem dois estágios. Primeiro, ele declara seu objetivo, afirmando que a alma é princípio e causa do corpo vivo; e, como esses termos são ambíguos, prossegue distinguindo três sentidos em que essa proposição deve ser tomada. A alma, diz ele, é causa do corpo vivo (a) como fonte de seus movimentos, (b) como "aquilo por causa do que", ou fim, e (c) como sua "essência" ou forma.

§ 319. Em segundo lugar, em "Que ela é", ele prova sua proposição; e primeiro quanto a alma ser a causa do corpo vivo como sua forma. Aqui ele usa dois argumentos: primeiro, a causa de algo como sua "essência", i.e., forma, é a mesma que a causa de seu ser, pois tudo tem existência atual por meio de sua forma. Ora, é a alma que dá o ser aos seres vivos; pois seu ser é precisamente sua vida, que eles recebem da alma. Logo, a alma causa o corpo como sua forma.

§ 320. Depois, o segundo argumento, em "Além disso": a atualidade de algo é a ideia imanente e a forma da coisa que está em potência. Ora, a alma, como vimos, é a atualidade do corpo vivo. Portanto, ela é a forma e a ideia imanente do corpo vivo.

§ 321. Em seguida, em "É manifesto", ele mostra que a alma é uma causa final dos corpos vivos. Pois a Natureza, assim como a mente, age com um propósito, como foi demonstrado no Livro II da *Física*. Mas a mente, em suas construções, sempre ordena e arranja os materiais visando alguma forma. Assim também, então, faz a Natureza. Se, portanto, a alma é a forma do corpo vivo, ela deve ser também sua causa final.

§ 322. Além disso, a alma é o fim não apenas dos corpos vivos, mas também de todos os corpos naturais sublunares. Pois é evidente que todos esses corpos são, por assim dizer, instrumentos da "alma" — não apenas das almas dos animais, mas também da alma das plantas. Assim, os homens voltam para seus próprios propósitos tanto os animais quanto as coisas inanimadas; os animais usam as plantas e as coisas inanimadas; e as plantas, as coisas inanimadas que as sustentam e alimentam. Se, então, a ação das coisas é um índice de sua natureza, parece que todos os corpos inanimados são naturalmente instrumentos dos corpos animados e existem por causa deles. E, incidentalmente, os seres animados inferiores existem por causa dos superiores. Depois disso, ele distingue "por causa de" nos dois aspectos que já foram explicados.

§ 323. Terceiro, em "Mas também a alma", ele mostra que a alma é a fonte de movimento no corpo. A forma de todo corpo natural, explica ele, é o princípio do movimento característico daquele tipo particular de corpo — e.g., a forma do fogo é a causa do movimento do fogo. Ora, certos movimentos são característicos dos corpos vivos; tais, por exemplo, como aquele pelo qual os animais se movem de um lugar a outro, embora isso, certamente, não se encontre em todos os seres vivos. Similarmente, a sensação envolve uma certa alteração do corpo que não se encontra exceto em seres que possuem alma. O mesmo ocorre com o crescimento e a decadência; esses movimentos implicam o uso de alimento e, portanto, também uma alma. A alma, então, é o princípio de todos esses movimentos.

Revision #2
Created 4 October 2026 19:36:50 by Admin
Updated 11 October 2026 22:13:40 by Admin